

Handwritten mark or signature in the top right corner.

A PROBLEMÁTICA DA AVALIAÇÃO

MÁRIO QUEIRÓS

A NECESSIDADE DA AVALIAÇÃO

Como aluno, ao longo de mais de duas dezenas de anos de experiência, uma das actividades que mais tempo me tem ocupado é a questão da avaliação a que vinha (e venho) sendo submetido. Depois de alguns anos de experiência como docente, onde existe uma certa liberdade para implementar as minhas próprias formas de avaliação, foi possível confrontar os ideais desenvolvidos com a sua praticabilidade. Por vezes, são colhidas algumas decepções, noutras alturas são obtidos bons resultados, mas o que é de realçar é a experiência obtida, em constante desenvolvimento.

Finalmente, é possível começar a desenvolver um estudo sobre esta temática, contando com a experiência de quem já dedicou muito mais do seu tempo à reflexão e à experiência neste campo.

A primeira questão que se coloca ao estudar pela primeira vez uma qualquer temática é da razão da existência do problema em causa. E a partir desse esclarecimento é geralmente possível começar a levantar um determinado conjunto de questões que ajudarão a esclarecer os problemas entretanto suscitados. Por isso, o primeiro passo para o estudo da Avaliação é exactamente indagar sobre a sua necessidade.

O QUE É A AVALIAÇÃO

O conceito de Avaliação é utilizado em diversos contextos, dos quais o processo de ensino-aprendizagem é apenas um caso particular. As tarefas de Avaliação não são por isso exclusivas desta actividade. Assim, a definição de Avaliação deve ser dada preferencialmente de uma forma genérica. O conceito de Avaliar encontrado no dicionário identifica-o como "Determinar o valor de. Compreender. Apreciar, prezar, conhecer o seu valor"; segundo Tyler¹, avaliar é o "processo de determinar até que ponto os objectivos educacionais são efectivamente alcançados pelo programa do curriculum e instrução"; ainda segundo B. Charlot², avaliar é "um processo que consiste em

A PROBLEMÁTICA DA AVALIAÇÃO

recolher um conjunto de informações pertinentes, válidas e fiáveis, examinando o grau de adequação entre esse conjunto de informações e um conjunto de critérios escolhidos de modo adequado com vista a fundamentar as tomadas de decisão".

178

A Avaliação não é, portanto, apenas uma actividade que leva à medida da distância a que se encontra um determinado projecto dos objectivos inicialmente delineados. A Avaliação é algo que vai servir a tomada de decisões. Aliás, não há nenhuma decisão tomada de forma consciente que não se baseie num prévio processo de Avaliação. A Avaliação é "uma preocupação omnipresente e constante, por vezes explícita [mas] sempre implícita: ou porque é preciso dar contas do trabalho realizado a instituições financiadoras, ou porque é preciso legitimar interna e externamente o que se faz ou porque, ainda, é fundamental analisar os projectos e introduzir regulações, saber para onde se vai e o que se faz realmente"ⁱⁱⁱ. É evidente que, para permitir que as decisões sejam tomadas, a Avaliação exige também uma classificação dos indivíduos (alunos, projectos, etc.) que foram avaliados.

Mas como inserir esta noção de Avaliação na actividade diária dos professores, alunos e outros actores do espaço escolar? Antes de nos debruçarmos sobre os utilizadores da Avaliação, convém conhecê-la melhor.

FUNCIONAMENTO DA AVALIAÇÃO

Sendo a Avaliação um instrumento para a tomada de decisões no meio escolar, é necessário localizá-la nas acções de quem tem a incumbência de a administrar: geralmente o professor. Rosales^{iv} dá-nos uma ajuda nesta tarefa. A Avaliação é uma parte integrante da actividade didáctica, "constitui uma competência profissional do professor, sem a qual dificilmente se compreende como se pode desempenhar eficazmente as restantes tarefas, (...) [é] um importante factor para o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem autónoma e responsável do aluno, (...) [e também um] instrumento de auto-regulação e aperfeiçoamento, que actua no interior do processo instrutivo". Partindo dos objectivos a atingir, é feita a planificação do ensino-aprendizagem. Segue-se a colocação em prática dessa planificação - a actuação - na qual se pretendem atingir determinados objectivos. É então para o professor conseguir saber de que forma e em que medida é que esses objectivos estão a ser alcançados que a Avaliação se torna necessária. Uma atitude de reflexão sobre as informações recolhidas no processo de Avaliação irá permitir os ajustamentos necessários à planificação inicial, seja no

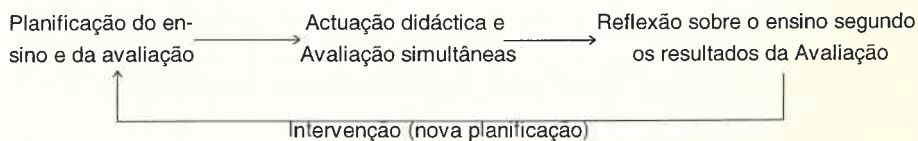
decorrer do mesmo processo didáctico, seja nos mesmos passos, mas em processos futuros.



Mas o nosso interesse particular situa-se no funcionamento da própria Avaliação. Continuando com o mesmo autor, o seu desenvolvimento teórico dá-nos uma contribuição importante neste campo. A Avaliação começa ela própria por ser planificada (naturalmente). E com certeza que o passo seguinte é o da colocação em prática dessa planificação, onde essencialmente o professor tem uma tarefa de observador na recolha de informações. Essas informações servem de base à sua descodificação (fase da reflexão). Temos então os instrumentos necessários às tomadas de decisões (ou às intervenções).



Tal como podemos ver, a Avaliação é aqui encarada como um processo de investigação-acção inserido num outro processo de investigação-acção que é o próprio ensino-aprendizagem. Não é possível dissociar um do outro. O processo de ensino-aprendizagem de qualidade só pode ser levado a cabo se devidamente acompanhado por um processo de Avaliação, tal como acontece com qualquer outro processo que exija a tomada de decisões. E porque esse acompanhamento deve ser constante, para uma visão global, o mais correcto será apresentar o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da seguinte forma:



Uma visão integrada do funcionamento do processo de ensino-aprendizagem, tal como acabada de descrever, exige uma participação muito activa por parte do professor. Exige que em cada momento o professor avalie não só os seus alunos, mas se avalie também a si próprio na condução desse mesmo processo. O que, naturalmente, tem por detrás uma outra

exigência cuja satisfação pode não estar ao seu alcance: o sistema existente deverá permitir esta sua actuação.

AS FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO

As funções que caracterizam a Avaliação estão intimamente ligadas à sua utilidade e aos indivíduos a quem irão servir. Pacheco^v sistematiza quatro funções primordiais da Avaliação: pedagógica, social, de controlo e crítica. Embora elas se apresentem aqui autonomizadas, é fácil verificarmos que estão implícitas ao longo desta exposição, nomeadamente no ponto que vem já a seguir e na distinção das três formas de Avaliação, um pouco mais à frente.

180

Função Pedagógica

Abundantemente referida no tratamento da Avaliação Formativa, está em causa a característica da Avaliação em conseguir ajudar o professor e os alunos na progressão dos saber e saber-fazer necessários ao alcance dos objectivos de uma qualquer acção de ensino-aprendizagem. J. Pacheco subdivide-a ainda em quatro dimensões:

- a) dimensão pessoal, na qual se baseou a Lei de Bases do Sistema Educativo relativamente ao ensino secundário, e os Documentos Preparatórios da Reforma do Ensino em Portugal - a Avaliação é posta ao serviço do sucesso escolar dos alunos, como instrumento de incentivo e controlo, utilizada pelos próprios; também o professor a utiliza como fonte de informação no decorrer do processo didáctico;
- b) dimensão didáctica - basta repararmos nas características da Avaliação Formativa, mas também Diagnóstica e Sumativa, adiante referidas, para compreendermos de que forma elas contribuem para a "criação de um ambiente de aprendizagem, através do diagnóstico, da melhoria e da verificação dos resultados dos alunos"^{vi};
- c) dimensão curricular - tal como referido na parte introdutória, a Avaliação é dos instrumentos mais poderosos nas adaptações curriculares desenvolvidas para as disciplinas de uma acção de aprendizagem; as informações que se conseguem obter, e principalmente as causas dos sucessos e insucessos escolares, permitem ajuizar acerca da adequação de certos conteúdos programáticos e das modificações que aos mesmos se impõem;
- d) dimensão educativa - é, apesar de tudo, um indicador do sucesso do sistema educativo.

Função Social

Esta é, sobretudo, a velha questão da certificação e selecção dos alunos. A Avaliação serve o reconhecimento, pela sociedade onde o aluno se insere e que o espera quando sair da Escola (tendo ou não terminado o ciclo de estudos a que se

propunha), da aquisição de um determinado conjunto de habilidades e habilitações, assim como da competência das instituições e dos professores nas acções que proporcionaram essas aquisições. Essa função assume uma importância ainda maior nos casos em que é a própria sociedade que arca com os custos da formação e exige um determinado nível de rentabilização do capital investido.

Função de Controlo

Era de esperar que, a par do que acontece em outros domínios, também no processo de ensino-aprendizagem a Avaliação tivesse uma função de controlo. E serve para controlar o quê? Já sabemos que serve para o professor controlar os progressos dos alunos e também para estes controlarem os seus próprios progressos. Mas a Avaliação serve também para o professor controlar o próprio comportamento e atitudes dos alunos (como meio de obter cooperação), a relação com os seus pais (tranquilizando-os e salvaguardando alguns problemas de incompreensão das suas atitudes) e mesmo com os responsáveis da instituição de ensino (como prova dos progressos alcançados e das classificações atribuídas). Muito frequentemente, a Avaliação é também um grande auxílio à modelização da progressão no programa.

Função Crítica

Numa visão a nível macro, a Avaliação é facilmente utilizada na "interpretação, na proposta de melhorias, na análise crítica do sistema educativo em geral, e do processo de desenvolvimento de curriculum, em particular"^{vii}. A análise crítica é susceptível de ser feita a todo o sistema educativo, e não algum aspecto isolado do mesmo.

A QUEM SERVE A AVALIAÇÃO

Como base para a tomada de decisões, a Avaliação serve primordialmente aos três ou quatro actores principais do ensino-aprendizagem: Professor, alunos, Escola e, quando é caso disso, os pais (ou encarregados de educação).

O Professor

Antes de mais, o Professor serve-se da Avaliação dos alunos da forma mais tradicional em que ela é usada: recolha de dados que permitam ajudar a atribuição da certificação por parte da instituição de ensino. Através da Avaliação, o

Professor pretende conhecer o nível de mestria atingido pelos seus alunos no fim, mas também o pode fazer no início e durante o processo didáctico. O Professor consegue assim aperceber-se também da sua competência na transmissão de conhecimentos e no proporcionar da aprendizagem, conseguindo dados para implementar estratégias de correcção e aperfeiçoamento do seu trabalho. A Avaliação reveste-se, pois, de uma grande importância:

1. A Avaliação feita como medida de diagnóstico (geralmente no início de cada processo didáctico) informa o Professor dos conhecimentos detidos pelos seus alunos. Ao obter esta informação, ser-lhe-á mais fácil planificar as suas aulas fazendo uso dos conhecimentos que já sabe que os alunos dominam e colmatando as suas deficiências, que quando presumidas como inexistentes são um grande entrave ao desenvolvimento do conhecimento.
2. Se, durante o processo didáctico, o professor consegue ir avaliando os progressos dos seus alunos, vai conquistando um elevado número de indicadores que lhe vão permitindo conhecer, não só a progressão da aprendizagem, mas também as causas do insucesso e sucesso escolar, o que é muito importante, pois possibilitará as correcções à metodologia utilizada, a individualização nos esclarecimentos (quando os meios assim o permitam) e a revisão na programação das suas aulas. Uma Avaliação deste tipo, que pode ser considerada como formativa, mas também como diagnóstica pontual e contínua, pode-se considerar como estando primordialmente ao serviço dos alunos, pois serão estes os beneficiários mais directos da sua utilização.
3. Mas não há dúvida que, apesar de a preocupação central de um professor ser (ou dever ser) a progressão dos conhecimentos científicos por parte dos seus alunos, a certificação final tem de ser feita. Tradicionalmente, nesta tarefa, o professor serve-se de "exames", ou "testes", que têm como finalidade classificar e seleccionar os alunos. No entanto, não é necessário que essa Avaliação "sumativa" se baseie exclusivamente numa prova final. Aliás, essa prova final pode mesmo ser dispensada, tal como sugerido mais adiante.

Alunos

Por outro lado, a Avaliação é também um instrumento de grande utilidade para os alunos: permite-lhes conhecer os seus progressos na aprendizagem. Naturalmente que tal aspecto não é indiferente ao tipo de Avaliação utilizado pelo professor. O aluno é um agente que está constantemente a tomar decisões sobre a forma de vir a satisfazer os objectivos propostos no processo de ensino-aprendizagem. E a primeira dificuldade que provavelmente ele terá será precisamente a de identificar esses mesmos objectivos - não só em termos de identificação do programa relevante, mas também da satisfação das necessidades do seu professor em particular. O aluno "passa pelas mãos" do mais variado género de professores; alguns destes dão mais relevância ao

desenvolvimento do raciocínio, outros não dispensam a utilização da memória; alguns pretendem respostas muito desenvolvidas, outros vêem no poder de síntese uma grande qualidade; e mais exemplos haverá. Se o aluno obtiver constantemente um "feed-back" por parte do professor no que respeita à sua actividade, conseguirá mais facilmente identificar os conteúdos programáticos relevantes, assim como conhecer e adaptar-se melhor à pessoa que vai ter a palavra decisiva na sua certificação final.

O aluno é bastante motivado para o desenvolvimento dos seus conhecimentos se conseguir saber em cada momento a sua posição exacta (ou quase) relativamente aos objectivos que deverá atingir, não só porque consegue programar melhor as suas decisões, mas como também consegue "ver" os "bons" resultados da sua actividade (conseguindo assim uma recompensa) que conjuntamente com os "maus" resultados lhe vão servir de meio para efectuar as correcções devidas ao seu estudo.

Escola e sociedade

Porém, não é possível deixar de lado o problema da certificação dos alunos que chegam a uma fase terminal dos estudos (seja o final do ano, seja o final do ciclo) do qual a escola é a instituição responsável. Contudo, deveremos ter em conta que esta legitimidade de selecção e classificação lhe é concedida pela sociedade onde o produto final da sua actividade - os alunos devidamente formados - se vai inserir. Assim, a escola está obrigada a respeitar um determinado nível de exigência na Avaliação final dos alunos, sob pena de lhe ser retirada essa mesma legitimidade.

-
- ¹ Referência em J. Pacheco, "A Avaliação dos Alunos na Perspectiva da Reforma", p.63.
- ² Referência em A. Benavente, "Avaliação e Inovação Educacional. Notas e Reflexões", p.35.
- ³ A. Benavente, idem, p.36.
- ⁴ C. Rosales, 1992, "Avaliar é Reflectir sobre o Ensino", p. 86.
- ⁵ J. Pacheco, 1994, "A Avaliação dos Alunos na Perspectiva da Reforma", pp. 17-24.
- ⁶ J. Pacheco, 1994, "A Avaliação dos Alunos...", p. 18.
- ⁷ Referência em J. Pacheco, "A Avaliação dos Alunos ...", p. 24.